

**FACULDADES INTEGRADAS DE JACAREPAGUÁ – FIJ**

**MARLISE APARECIDA LEMOS SILVA**

**A LEITURA DOS CONTOS DE FADAS EM SALA DE AULA**

**FRANCA-SP  
2011**

**MARLISE APARECIDA LEMOS SILVA**

**A LEITURA DOS CONTOS DE FADAS EM SALA DE AULA**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado às  
Faculdades Integradas de Jacarepaguá-FIJ, como  
requisito para obtenção do título no curso de pós-  
graduação em Língua Portuguesa

Orientadora: Prof<sup>o</sup>: Igor Jakimczyk Baptista

## RESUMO

A leitura é um importante instrumento para a aquisição de conhecimento, desenvolvimento de criatividade, linguagem, ampliação de vocabulário e compreensão de texto e, portanto, deve ser incentivada desde a mais tenra infância para que se torne um hábito prazeroso ao indivíduo. A literatura é um aliado importante e oferece uma gama variada de gêneros que podem ser utilizados em diferentes técnicas e abordagens. A descoberta do mundo das letras, durante a alfabetização, pode e deve ser um processo prazeroso para a criança. O uso dos diversos gêneros de literatura como auxiliares nesta fase é altamente motivador. O objetivo desta pesquisa é incentivar os alunos à prática da leitura através dos contos de fadas. Este trabalho reflete sobre a importância da leitura dos livros paradidáticos nas séries iniciais do Ensino Fundamental. Conclui-se que, a tarefa de narrar contos de fada, pode parecer simples, mas é necessário, a quem dispuser a fazê-lo, precisará antes de qualquer coisa trilhar o caminho do autoconhecimento, conhecer mais profundamente o significado dos contos de fadas. Para o desenvolvimento deste trabalho, utilizou-se como metodologia o levantamento bibliográfico dos teóricos que fundamentaram a prática da leitura dos paradidáticos

**Palavras-chave:** Leitura, Literatura, Contos de Fadas, Contar história

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	5
<b>1 A IMPORTÂNCIA DO TRABALHO COM A LEITURA NAS SÉRIES INICIAIS</b> .....	7
1.1 O PROCESSO DE FORMAÇÃO DA LEITURA INFANTIL NO BRASIL.....	8
1.2 O PAPEL DO PROFESSOR NA FORMAÇÃO DO LEITOR.....	10
1.3 A LITERATURA INFANTIL COMO INCENTIVO A LEITURA.....	12
1.4 UMA VISÃO SOBRE DEFINIÇÃO DE LITERATURA.....	14
1.5 A IMPORTÂNCIA DOS LIVROS PARADIDÁTICOS NA DESCOBERTA DO PRAZER DO LER.....	17
<b>2 A LEITURA DOS CONTOS DE FADAS EM SALA DE AULA</b> .....	20
2.1 CONTANDO HISTÓRIAS.....	20
2.2 RECONTAR HISTÓRIAS.....	22
2.3 O SIGNIFICADO DOS CONTOS DE FADA PARA AS CRIANÇAS.....	24
2.4 VISÃO CRÍTICA DOS CONTOS DE FADAS.....	24
2.5 USO PEDAGÓGICO DOS CONTOS DE FADAS NA ESCOLA.....	25
<b>3 ANÁLISE DOS DADOS</b> .....	28
3.1 CATEGORIZAÇÃO DAS ESCOLAS E NÍVEL DE FORMAÇÃO DOS PROFESSORES.....	28
3.2 ANÁLISE DE DADOS OBTIDOS PELOS QUESTIONÁRIOS.....	28
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	32
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	34

## INTRODUÇÃO

Muitas são as discussões que têm sido realizadas em torno da leitura nas escolas. Percebemos nos dias de hoje a grande competitividade do livro com os outros meios de comunicação social, como a TV, o videogame e o computador.

A leitura não é um ato solitário e isolado dos problemas sociais fora do mundo, sabemos que possui grande importância para a constituição do sujeito.

Parte daí a necessidade da escola reconhecer a importância de um trabalho de leitura que propicie ao aluno sua inserção na vida social proporcionando o desenvolvimento da criatividade e criticidade diante de situações novas.

Para que o trabalho da leitura aconteça pressupomos a necessidade de investimento concreto da escola, no sentido de proporcionar aos alunos práticas dinâmicas, ambientes propícios, onde os alunos tenham acesso às várias representações da leitura com oportunidades de momentos de prazer.

No caso da leitura, não basta oferecer às crianças livros em quantidade. Elas precisam perceber, sentir de verdade que a leitura é um elemento essencial para a vida.

Professores e alunos precisam estar juntos nesse processo que envolve descobertas e inúmeras possibilidades.

Segundo Foucambert (1994, p. 64). “Ser leitor é sentir-se comprometido com seu estar no mundo e com a transformação de si, dos outros, da coisa: é acreditar que se aprende o mundo quando se aprende o que fez ser como é”.

Para um aprofundamento e análise destas questões este trabalho realiza-se, objetivando uma investigação sobre as concepções de leitura e a utilização dela em três escolas da rede municipal da cidade de Franca-SP, abrangendo o 1º ciclo de ensino.

Nas três escolas da rede municipal buscamos identificar elementos que apontaram o desenvolvimento do gosto pela leitura que permeiam o trabalho dos professores.

Como abordagem metodológica optou por uma pesquisa exploratória qualitativa, onde tivemos oportunidade de interação entre o pesquisador e o ambiente a ser pesquisado favorecendo a obtenção de dados concretos a respeito do tema.

A pesquisa foi realizada a partir de questionário dirigido aos professores das escolas envolvidas e por entrevistas feitas aos alunos. Esse material foi utilizado para esclarecer dados sobre a situação das escolas em relação ao processo da leitura.

O trabalho foi organizado em três capítulos:

O primeiro capítulo trata da importância do trabalho com a leitura na sala de aula, como forma de promover o aluno como leitor consciente e autônomo ainda apresenta a importância dos contos de fada para as crianças.

O segundo capítulo mostra a análise de dados obtidos através das pesquisas sobre o uso da Literatura Infantil como incentivo à leitura.

Nas considerações finais serão retomados alguns pontos relevantes da pesquisa, apontando algumas alternativas e proposta de leitura para desenvolver o gosto e o prazer a ler. Ressaltamos as possíveis contribuições dos mesmos para nós e para os colegas que exercem o magistério no 1º ciclo no ensino fundamental.

## 1 A IMPORTÂNCIA DO TRABALHO COM A LEITURA NAS SÉRIES INICIAIS

A leitura tem uma grande responsabilidade na formação para a vida, ela faz amadurecer as idéias, ter mais condições de raciocinar perante uma situação problemática que a vida nos reserva. Ela é a chave que nos permite entrar em contato com outros mundos, ampliar horizontes, desenvolver a compreensão e a comunicação.

Deste modo percebemos que, a palavra escrita nos transforma às mais variadas realidades nos fez “viajar” e descobrir pessoas e idéias novas, nos ajuda a ser cidadãos e, ao mesmo tempo, que nos coloca mais à vontade e um mundo simbólico, abstrato, no seu dia-a-dia repleto de reflexos.

Como nos afirma Lerner (1996, p. 6)

Ler é adentrar-se em outros mundos possíveis. É questionar a realidade para compreendê-la melhor, é distanciar-se do texto e assumir uma postura crítica frente ao que de fato se diz e ao que se quer dizer, é assumir a cidadania no mundo da cultura escrita.

A leitura surge de estudos e experiências de um indivíduo, ela é mais do que uma questão de gosto, uma necessidade objetiva.

Como nos ressalta Magnani (1989, p. 32) “[...] para ser leitor é preciso, além de ser alfabetizado, ter tempo para ler, dinheiro para comprar livros ou bibliotecas de fácil acervo que o interesse e goste de ler”.

Sabemos que em nossa sociedade o trabalho e a alimentação são primordiais para nossa sobrevivência.

As pessoas procuram outras formas de distração enquanto descansam, com a TV, que também lhe traz informações. Como isso o gosto pela leitura vai se perdendo dia após dia, se em casa a criança não tiver usufruído da experiência de ver pais e familiares entretidos na leitura, se pertencer a um ambiente onde não há esse hábito, pode nascer a possibilidade de uma rejeição à leitura.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais da Língua Portuguesa, ressaltam que para aprender a ler é preciso interagir com a diversidade de textos escritos, é negociar o conhecimento que já se tem e o que é apresentado pelo texto, recebendo incentivo e ajuda dos leitores experientes.

O processo da leitura apresenta-se como uma atividade que possibilita a participação do homem na vida em sociedade, compreendendo o presente e o passado, tendo possibilidades de transformações culturais futuras.

Para que consigamos a formação de novos leitores há de ser ter condições para tal: contato permanente com variedades e qualidades de materiais e ações que viabilizam uma organização do trabalho pedagógico que inclua os espaços de leitura.

Destacamos as palavras de Foucambert (1989, p. 30) quando nos diz que “[...] ser leitor é querer saber o que se passa na cabeça de outro, para compreender melhor o que se passa na nossa”.

A leitura é um meio de comunicação muito importante, uma vez que além de ser um desvendar gráfico, permite e abre caminhos para interpretar uma informação. A leitura permite desvendar o mundo, um livro pode provocar transformações no pensamento ou no comportamento das pessoas.

Saber ler significa perceber as mensagens em toda a sua abrangência e profundidade. É compreender o que se lê e tornar-se agente do processo, com uma opinião própria a respeito do assunto, relacionando-o a outras obras de outros autores que tratam do mesmo tema.

Segundo Magnani (1989, p. 52) “[...] ler é preciso não só para fazer exercícios de interpretação, para estudar itens de conteúdos, para adquirir modelos de escrita, mas também para gostar e se habituar, para conscientizar e politizar”.

Com as palavras do autor podemos observar que um leitor é alguém que por iniciativa própria é capaz de selecionar dentre os textos que circulam socialmente, aqueles que podem atender a uma necessidade sua.

Sabemos que a leitura vai além do texto e começa antes do contato com ele, a noção do texto é aplicada, abre-se para englobar diferentes linguagens. A partir da leitura o leitor realiza um diálogo com o objeto lido, seja escrita, sonora, uma imagem, uma situação envolvida nas expectativas do prazer, das descobertas e do reconhecimento de suas vivências. Aprender a ler significa aprender a ler o mundo, dar sentido a ele e a nós mesmos.

## 1.1 O PROCESSO DE FORMAÇÃO DA LEITURA INFANTIL NO BRASIL

A literatura infantil, por muito tempo, foi vista sob um segundo plano dentro da literatura. Como coloca Mengarda e Baukat (2006), “a valorização da literatura infantil, como fenômeno significativo de amplo alcance na formação das mentes infantis e juvenis, bem como dentro da vida cultural das sociedades, é conquista recente”.

Segundo Zilberman (1986), a leitura passa a ser valorizada a partir da ascensão da burguesia, nesta época a escola e a educação se desenvolveram, devido à organização da sociedade burguesa. À escola cabia transmitir os ideais da burguesia e promover a união familiar.

Para Coelho (2000) a expressão “literatura infantil” vulgarmente, sugere de imediato a idéia de belos livros coloridos destinados à distração e ao prazer das crianças em lê-los, folheá-los ou ouvir suas histórias contadas por alguém.

Para compreender as razões desse ponto de vista, precisamos voltar no tempo e resgatar a história do surgimento da literatura infantil .

A primeira função da literatura infantil foi pedagógica.

A literatura infantil surgiu da necessidade de se criar um gênero capaz de educar as crianças através de histórias. Ela é, sem dúvida, uma das expressões mais significativas que garante a transmissão de valores e conhecimentos em qualquer época da história. As fábulas, parábolas, apólogos, contos, lendas, sagas, contos jocosos, romances, contos maravilhosos, contos de fadas.

As crianças, na Idade Média, principalmente as da classe social mais pobre, participavam dos problemas da família tanto quanto um adulto. No século XVII, começaram a ocorrer mudanças e, no século seguinte, as crianças já desfrutavam de maior liberdade no que diz respeito a participarem dos problemas sociais e familiares. O grande ensinamento, agora, era a religião. A literatura infantil voltou-se para a educação religiosa, com a intenção de mostrar à criança uma visão sobre o bem e o mal.

A partir do século XIX e das grandes mudanças históricas ocorridas ao longo do tempo, começou a haver um desenvolvimento de escolas para educar os filhos dos burgueses, classe social em ascensão na época. Como coloca Cashdan (2000, p. 62), “os contos de fada são documentos históricos únicos, que nos mostram como era a vida em certos períodos da história – épocas em que cada dia era em si uma batalha pela sobrevivência”. Ocorreu, então, um grande aumento na produção de uma literatura voltada para as crianças, porque percebeu-se que a literatura infantil poderia desenvolver melhor a capacidade intelectual dos pequenos leitores. Começou-se produzir uma literatura para provocar pensamentos na criança e desenvolver a sua linguagem.

Também chamados de Contos da Carochinha, os Contos de fadas surgiram no Brasil e em Portugal no final do século XIX, e nem sempre tem a real presença de fadas como diz o nome. São desenvolvidos dentro da magia feérica (reis, rainhas, príncipes, bruxas, gigantes anões, animais, objetos mágicos, tempo e espaço fora da realidade conhecida etc.).

Tem como eixo gerador uma problemática existencial, a realização do herói ou da heroína alcançando seus objetivos, essa realização intimamente ligada à união homem mulher.

No contexto citado acima, percebe-se que a criança passa a ter um valor maior no núcleo familiar, é resgatada uma nova valorização da criança. A criança passa a fazer parte das histórias, participando de conflitos familiares, mostrando o desequilíbrio dentro da estrutura familiar.

## 1.2 O PAPEL DO PROFESSOR NA FORMAÇÃO DO LEITOR

Atualmente, a formação dos professores ganhou um novo perfil. O professor-informador e aluno-ouvinte foram substituídos pelo professor-animador e aluno-pesquisador e esta mudança exige do professor um novo posicionamento frente ao exercício de sua profissão, com uso de novos instrumentos sem, no entanto esquecer-se de que:

A principal ferramenta de trabalho do professor é a sua pessoa, sua cultura, a relação que instaura com os alunos, individual ou coletivamente. Mesmo que a formação esteja centrada nos saberes, na didática, na gestão de classe e nas tecnologias; não se deve esquecer da pessoa do professor (PERRENOUD, 2002, p.49).

O que diferencia a prática docente são a criatividade e motivação por parte desses profissionais. É fundamental que isto ocorra, pois se poderia minorar a evasão, a inadaptação infantil na escola, entre outras mazelas que contribuem para a ineficácia da educação no Brasil.

São inúmeros os profissionais de educação que convivem da relação absoluta ensino/ aprendizagem, tornaram-se elementos do passado, porque acreditam que a nova geração. Repete o anterior. Mas, enganam-se, as novas gerações superam cada vez mais a outra.

A escola, por sua vez, não está isolada do mundo, devendo estar aberto ao universo que o cerca para a sociedade exigente. Proporcionando a clientela a promoção da interação das funções sociais e fornecendo subsídio aos profissionais com motivação material moral. Exigindo dos nossos educadores, competência e determinação para que possa estabelecer com méritos o processo ensino/aprendizagem.

Dessa forma, a leitura exerce funções primordiais, oferecendo aumento das capacidades criativas na formação de futuros leitores competentes. Com isso, faz-se iminente o surgimento de um leitor crítico e, de certa forma, novas posturas pedagógicas de

transformação de professor que vive na busca incansável da construção do seu próprio conhecimento.

A idéia de ensino será substituída por uma alto-aprendizagem, com o professor criando situações animadoras de modo a despertar interesse do aluno. Fazer com que, por exemplo, uma “simples” aula de leitura, se torne uma inesquecível viagem a novas e fantásticas descobertas.

Professor e aluno estão intimamente ligados. Um não consegue realizar-se sem o outro. Estabelecem uma interação muitas vezes, compartilhada de muito afeto, amizade e companheirismo. Estar família é tão precípuo para o desenvolvimento de uma aula, dos textos escolhidos para leitura, para formação das habilidades que o educador poderá a partir de então, desenvolver.

No caso da leitura, o professor é responsável pela sua função e formação de leitores ativos. O primeiro passo deve ser de trabalho com textos significativos, assim os alunos poderão relacioná-los às suas realidades, futuras e com o seu próprio cotidiano. São dados assim, condições para que esses aprendizes possam lidar com o texto, interpretando-o trocando sugestões, assumindo e debatendo frente aos fatos narrados. Criando um universo de situações diferentes daquelas que estão escondidas nas entrelinhas do texto original.

As mais elementares tarefas da vida cotidiana exigem o recurso ao escritor, tomar o ônibus. Fazer compras em um supermercado, procurar uma rua na cidade, cozer alimentos, telefonar, utilizar em casa um micro computador, tudo isso requer atividades de leitura.

O educador ao manejar esses textos, deve ter consciência de que a leitura esta viva no dia-a-dia do aluno: em casa com os pais, na escola, na rua, nas brincadeiras, na televisão, no entretenimento, nos gestos, nos acontecimentos, nas paisagens, no sorriso, enfim na maneira em que é concedido a cada um, dentro do seu próprio mundo (CHARMEUX, 2000, p. 34).

O educador necessita entender que a leitura não é um ato passivo, mecânico, ela estar sempre interagindo com o mundo e com o homem. Caso contrário, o texto seria apenas um produto acabado e não um ato de interação que assim dispomos.

A palavra chave é motivação. Dar vitalidade às aulas de leitura, estimula sempre o gosto por esta atividade tão beneficente na vida do homem, “por ordem em casa”, ter participação ativa e dinâmica na sala de aula, contribuir para o desenvolvimento integral do educador, valorizando e respeitando as potencialidades de cada aluno. Ser um incentivador, ser artista, ser poeta, ser psicólogo ou terapeuta, ser um pouco de pai ou mãe, ser amigo, ser um mestre, este é o perfil do professor formador leitor.

### 1.3 A LITERATURA INFANTIL COMO INCENTIVO A LEITURA

As crianças nem sempre ficam empolgadas com os textos literários pelo seu caráter pedagógico e sim, pelas possibilidades de apreensão e reelaboração do universo através de sua simbologia, ou seja tudo é resolvido com fantasia, passando uma visão otimista do mundo para a criança e, ao mesmo tempo, mostrando-lhe os problemas e suas possíveis soluções.

Sendo assim, o texto literário precisa ter um espaço próprio e especial na sala de aula.

Segundo afirma Goes (1984, p. 10) “[...] o potencial literário é riquíssimo para a alfabetização devido ao estímulo que representa e por não cercear a criatividade infantil”.

A leitura desse texto requer uma análise crítica perante a realidade, dando margem a efetivação dos propósitos de leitura enquanto habilidades humanas. Através dessa análise a criança terá entusiasmo pela criação, acontecerá troca de experiências com o outro e ampliará seu vocabulário.

O trabalho com texto literário favorece a experimentação e o exercício de múltiplas linguagens, é importante o diálogo entre autor e leitor aproveitando nas entrelinhas a intenção do autor.

Ao ler um livro de literatura infantil, a criança pensa, imagina, sonha, interroga, cria, reage. Ela entra numa aventura nova a cada texto lido, pelo universo faz palavras indo além delas. Nas palavras de Cadermatori (1987, p. 49) “[...] a literatura cumpre junto ao leitor a apresentação de novas possibilidades existenciais, sociais, políticas e educacionais”.

Com as colocações da autora percebemos a necessidade de discutir com os alunos certas visões de mundo, refletir valores que permeiam o contexto onde elas vivem. Sabemos que para tudo o que queremos existem dificuldades, mas para conseguirmos uma sociedade mais justa podemos encontrar no contexto escolar uma possibilidade de melhoria.

Para despertar o gosto pelo prazer das leituras nos alunos, o professor também precisa ser um eterno leitor, considerando a seleção material um fator importantíssimo na formação de leitores.

A leitura infantil se caracteriza pela sua linguagem artística. É o trabalho de as palavras de maneira poética para qualquer pessoa pode apreciá-lo. As ilustrações de qualidade, além de beleza que nos é oferecida possibilitam o desenvolvimento de uma

educação estética. Além disso, as imagens possibilitam uma segunda leitura do texto, já que representou a visão de seu ilustrador, portanto é uma perda grave não se valorizar a qualidade das ilustrações dos livros.

Para Zilberman (1986, p. 56) “[...] os primeiros contatos com a Literatura Infantil se fazem através do sonoro, logo é ouvindo histórias que as crianças, com certeza, irão se introduzir no mundo literário”.

O simples momento de parar para ouvir histórias, sentar no chão, trocar idéias é uma atividade literária de suma importância. Sabemos também que contar histórias é uma arte. As atividades posteriores à literatura de um livro literário tornam-se prazerosos e, a partir disso, criam-se hábitos, atitudes e responsabilidades que vão se modificando dia-a-dia.

Abramovich (1990, p.16) nos mostra que ouvir histórias é muito importante para a formação de qualquer criança. “Escutar histórias é o início da aprendizagem para ser um leitor, é ter um caminho absolutamente infinito de descobertas e compreensão do mundo”.

Fica claro que para leitores iniciantes cabe ao professor a responsabilidade de fazer com que os alunos vão sempre além e não fiquem somente no óbvio, não se determina em questões fechadas e sim a debates e conclusões.

Ao ouvir as histórias a criança se envolve nos temas, identifica-se com os personagens e começa a compreender o mundo com suas tramas, alegrias e aventuras vividas pelos personagens das histórias que ouve.

Literatura é a arte de ouvir e de dizer, logo, nasce com o homem. Suas origens se assinalam com o uso da palavra: filogeneticamente, o homem aprendeu a falar – dizer – antes de ler e escrever, como, ontologicamente, acontece à criança, portadora de sua bagagem lingüística [...] Todos sabemos que há em cada criança um poeta, como há em todo o poeta uma criança. Aliás, não só o poeta, mas cada adulto tem, quase sempre, dentro de si, uma criança, mais ou menos sufocada pela vigilância da censura (CARVALHO, 1986, p. 47).

A literatura também constitui de um conjunto de textos poéticos, artísticos e porque não dizer políticos.

Percebemos que literatura não é só uma viagem ao mundo da imaginação, ela faz pensar, questionar, portanto é também um ato político.

## 1.4 UMA VISÃO SOBRE DEFINIÇÃO DE LITERATURA

Ao introduzirmos o tema literatura é importante mencionarmos que há uma polêmica ao tentar defini-la.

Entre distintas definições sobre o que seria literatura, é conveniente relatarmos a definição que Pound (1996, p.32) discute em seu livro ABC da Literatura: literatura é linguagem carregada de significados.

Diante deste dizer, surgem duas ramificações para linguagem: linguagem falada e linguagem escrita. Na visão de Pound (1990, p.32), “[...] linguagem falada consiste em ruídos e linguagem escrita em signos que representam esses ruídos”.

Assim, qualquer pessoa alfabetizada poderia ler um outdoor e compreende a mensagem presente neste. Nem sempre, entretanto, isso pode ser considerado como sendo literário.

Por outro lado, alguns critérios para definir literatura envolvem a ideologia. Vejamos o caso de Wanderley (apud JOBIM, 1992, p. 253):

[...] definir literatura se confunde com a definição do poético e da beleza. Ou seja: coloca, de uma penada, em toda a plenitude, a questão estética no centro da discussão. E esta, sabemos, permanece irresolvida, impossível que é desvinculá-la da questão do gosto, da regência de usos e costumes e situações contextuais, da ideologia, de relativizações de toda ordem.

Vê-se que Wanderley coloca em discussão a questão do belo para dizer se uma obra adquire caráter literário ou não. É importante mencionarmos que a crítica desempenha papel importante nesse processo, visto que ela funciona como avaliadora dos juízos de valores que se encontrarem presentes nas obras.

Portanto, a questão de uma obra ser considerada artística dependerá da posição em que o leitor encontra-se, do momento histórico e social em que vive e, principalmente, dos seus valores.

Acerca do poder da crítica na colocação de uma obra como arte ou não, Coli (apud DAMASCENO, 2000, p. 48) relata:

Tomando duas obras tidas como artísticas, o crítico pode afirmar que, segundo certos critérios (que podem ser explícitos ou não), tal obra é mais bem realizada ou bem mais rica, ou mais profunda que outra. A crítica, portanto, tem o poder não só de atribuir o estatuto de arte a um objeto, mas de o classificar numa ordem de excelências, segundo critérios próprios. Existe mesmo uma noção em nossa cultura, que designa a posição máxima de uma obra de arte nessa ordem: o conceito de obra-prima.

Tais observações levam a argumentar que a cada momento de evolução da nossa sociedade, olhares diferentes são direcionados à arte. Desta forma, o conceito de obra de arte se modificará de acordo com a sociedade e com as mudanças de valores que esta irá impondo com o passar dos tempos.

Nos dizeres de Damasceno (2000, p. 49), encontramos idéias que vêm ao encontro deste ponto de vista. Verifiquem:

Os grandes poetas e os grandes artistas têm por função social renovar incessantemente a aparência que a natureza reveste aos olhos dos homens. Sem os poetas, sem os artistas, os homens se entediariam rapidamente da monotonia da natureza. [...] Os poetas e os artistas delineiam, em concerto, a figura de sua época e o futuro docilmente se perfila à sua guisa.

É inegável que estas transformações sociais e artísticas deixem de enquadrar-se na vida do homem, uma vez que sem elas a vida destes seguiria em linhas retas e conseqüentemente cairia em um caminho de tortura e monotonia.

No entanto, essa realidade nos revela a pluralidade cultural que, por sua vez, poderia implicar na literatura com uma diversidade de obras com qualidades diferentes e questionamentos variados.

Dentre essas qualidades, Pound (1990, p.36) coloca em discussão a questão dos bons ou maus escritores: “Os bons escritores são aqueles que mantêm a linguagem eficiente. Quer dizer, que mantêm a sua precisão, a sua clareza. Não importa se o bom escritor quer ser útil ou se o mal escritor quer fazer mal”.

Diante desta citação, podemos notar que, para sabermos se uma obra literária apresenta qualidade ou não, basta verificarmos o texto observando a clareza e a precisão através da qual este transmite a mensagem, deixando de julgar sua utilidade.

Não podemos deixar de mencionar também diante das palavras de Pound que muitas vezes a literatura que apresenta o discurso proposto pelas gramáticas, o discurso formal, dificulta um pouco a compreensão do leitor que não se encontra familiarizado com ela, mas não quer dizer que não será compreendida. Em se tratando de textos literários é conveniente respaldar a importância da criação, do jogo das palavras, da subjetividade do autor.

Assim, a literatura muitas vezes é apresentada como modelo padrão da língua normativa e, às vezes, essa atitude é equivocada, pois nem todas obras literárias apresentam-se como modelo de linguagem culta — vejam-se as obras contemporâneas, que caminham junto à sociedade, incorporando as inovações apresentadas por esta, inclusive a linguagem.

Portanto, não é o uso padrão da língua que definirá uma obra como sendo literária ou não. A respeito da definição de Literatura, Silva (apud LAJOLO, 1991, p. 7) diz que:

[...] a Literatura não é um jogo, um passatempo, um produto anacrônico de uma sociedade dessorada, mas uma atividade artística que, sob multiformes modulações, tem exprimido e continua a exprimir, de modo inconfundível, a alegria e a angústia, as certezas e os enigmas do homem.

Na citação acima, Silva coloca-nos a refletir novamente sobre o homem e o momento histórico em que ele se encontra inserido. Sendo assim, a literatura é uma das formas que o homem encontrou para exprimir seus sentimentos, desejos e angústias.

Convém colocarmos em discussão a consideração de uma obra como literária ou não segundo outro critério: a colocação como sendo literárias apenas aquelas obras cujos autores são reconhecidos e que se encontram em todas livrarias. Mas, e aquelas obras que poucos conhecem e cujos autores saem para venderem de porta em porta?

Nesta discussão, Lajolo (1991, p. 15) posiciona-se “Tudo isso é, não é e pode ser que seja literatura. Depende do ponto de vista, do sentido que a palavra tem para cada um, da situação na qual se discute o que é Literatura”.

Nota-se novamente que, para definirmos literatura, devemos considerar a realidade em que a obra está sendo discutida e/ou apresentada.

Nesse contexto, vale a pena destacarmos o comentário de Damasceno (2000, p. 46) a respeito da premiação de uma obra como prima ou não:

[...] causa mal-estar e desavenças mesmo entre os críticos. Desacordos à parte, eventualmente encontramos no meio acadêmico alguém que como uma fada-madrinha, retira de campo como a canção popular e da arte naif ou primitivista valores e artistas que, agora reabilitados pelo discurso universitário, são resgatados de um universo popular para um erudito e, nesta passagem o que era Kitsch ou folk são (re) avaliados por um discurso autorizado que, valendo-os eleva-os à categoria de cult. O resultado é encontrarmos posteriormente, nos suplementos culturais frases como: ‘O artista é uma pedra bruta que precisa se lapidada’.

Como se vê, a influência de fatores sociais na seleção de uma obra como literária ou não é relevante. Isso também se encontra bastante evidente na discussão de Eagleton: Na Inglaterra no século XVIII, o conceito de literatura não se limitava como costuma ocorrer hoje, aos escritos ‘criativos’ ou ‘imaginativos’.

Abrangia todos os conjuntos de obras valorizadas pela sociedade: filosofia, ensaios e cartas, bem como poemas. Não era o fato de ser ficção que tornava um texto “literário”- o século XVIII duvidava seriamente se viria a ser literatura a forma recém-surgida do romance - e sim sua conformidade a certos padrões de “belas letras.”

Os critérios do que se considerava literatura eram, em outras palavras, francamente ideológicos: os escritos que encerravam os valores e “gostos” de uma determinada classe social eram considerados literatura, ao passo que uma balada cantada nas ruas, um romance popular, e talvez até mesmo o drama não o eram.” (DAMASCENO, 2000, p. 19)

Portanto, os valores de belo/do artístico encontrar-se-ão submetidos a uma época, aos valores e ideologias dos grupos de poder que vigorarem na sociedade e que, de uma certa forma, corresponderão aos gostos e expectativas desses leitores.

## 1.5 A IMPORTÂNCIA DOS LIVROS PARADIDÁTICOS NA DESCOBERTA DO PRAZER DO LER

A importância dos livros paradidáticos na vida de uma criança que inicia sua formação como leitora é inegável, pois é durante a infância que se têm os primeiros contatos com os materiais escritos, e quando esses materiais estão ao alcance da compreensão da criança, eles terá motivos a mais para gostar de leitura.

Portanto a opção pelo livro infantil como material didático a ser usado no processo de formação do leitor deu-se pelo fato de termos verificado, durante poucos anos com docente na rede de ensino municipal, que o material usado pelo professor no ensino e prática da leitura nas primeiras séries do Ensino Fundamental é basicamente o livro didático.

Deste modo, não se pode afastar a criança do livro infantil, pois ele é de fato importante para a formação do pequeno leitor, não apenas devido à fácil leitura que nele pode ser feita pela criança, mas também pelas histórias que dele podem ser contadas às crianças ainda não alfabetizadas, pelos debates e opiniões que eles proporcionam e mesmo pelos jogos rítmicos que estimulam o gosto e o hábito de ler.

É com a ajuda dos livros paradidáticos que se pode influir sobre a vida afetiva e estética da criança, iniciando-a no mundo literário e servindo como instrumento para sensibilização da consciência, para a ampliação da disposição e o interesse de analisar o mundo, pois ela procura mostra à criança, o homem, as aventuras, as culturas das sociedades, o ambiente, os comportamentos e atitudes. Para isso, ela se serve da fantasia que estimula a imaginação da criança, levando-a a se sentir participante da história do momento da leitura. A leitura que se baseia no desejo de ler e identifica-se com o apaixonado ou místico. É ser um

pouco clandestino, é abolir o mundo exterior, deportar-se para uma ficção, abrir o parêntese do imaginário.

O livro infantil ocupa um lugar privilegiado, pois nele podem-se encontrar duas estratégias, a da palavra (texto) e da forma (ilustração), de forma a facilitar o entendimento e o interesse pelo livro. Pois toda criança dá mais atenção às coisas que lhes agradem, e o livro infantil é um material atraente e agradável. Como diz Meireles (1984, p. 61):

O livro é de moral prática, e o infante acredita na aprendizagem do exemplo. Vai mais longe sua visão pedagógica: as pessoas seguem, na aprendizagem, o caminho que lhes parece mais agradável [...].

O leitor em início de formação deve ser estimulado à leitura dos textos literários em sala de aulas e fora dela para que esta habilidade incentivada pelo professor transforme-se em hábito durante toda sua vida.

A leitura de bons livros criativos, estimulantes, excitante gera no aluno uma predisposição natural ao hábito de ler. Isto se dá pelo fato de ser consequência de um processo de incentivo, provocado pelo próprio material de leitura. Quando o elemento de “incentivação” se coloca fora do nível de interesse do aluno, a consequência é o desinteresse pela leitura.

Além da adequação que a leitura deve realizar no gosto da criança, o que, de modo óbvio, não é nem pode ser seu objetivo exclusivo, é necessário que cada educador se proponha a oferecer através dela um alimento saudável à imaginação infantil. Pois segundo afirma Jesualdo (1993, p. 25):

Religar uma literatura poética que traz em seus relatos maravilhosos, o encanto do novelesco e não compreender a intimidade espiritual da criança, pois para ela as coisas existem, ou não na medida que sua imaginação, aberta à claridade Poética do conhecimento as aceita como reais ou imaginária.

Os livros paradidáticos têm diversas finalidades na vida da criança que se inicia no mundo da leitura, a finalidade de instruí-la, educá-la, diverti-la, ou as três coisas ao mesmo tempo. Mas não se deve esquecer que para o alcance dessas finalidades, deve-se estar atento a algumas questões importantes, como: a qualidade dos textos, o caráter lúdico que deve revestir as atividades de leituras, sem com isso perder finalidades básicas, como o desenvolvimento da linguagem e a formação do leitor.

A adequação à faixa etária da criança é outro ponto a ser observado, pois, o gosto costuma mudar com a idade. A criança de um a três anos prende-se ao movimento, ao tom de voz, e não ao conteúdo do que é contada, por isso a importância de se contar histórias curtas e com muito ritmo e entonação. Os livros devem ter somente, uma gravura em cada

pagina, mostrando coisas simples e atrativas visualmente. O predomínio das gravuras e ilustrações deve continuar nos livros para as crianças de quatro a seis anos, mas com textos brevíssimos, para que ela passe a ter contato com o mundo da palavra escrita.

Nessa idade a criança já passa a se interessar pelos contos de fadas, tais como: “O pequeno Polegar”, “João e Maria”, “Rapunzel”, “Chapeuzinho Vermelho”, “O Soldadinho de Chumbo”, “Cinderela”, e outros. Os livros modernos com dobraduras costumam chamar bastante à atenção. Dos seis aos onze anos a criança passa a ter grande entusiasmo pelos contos de fada que continuam exercendo fascínio nessa fase: “Cinderela”, “A Bela e Fera”, “Branca de Neve e os Sete Anões”, “A Bela Adormecida”, “João e pé de Feijão”, “Pinóquio” e “Gato de Botas” são algumas das obras preferidas.

## 2 A LEITURA DOS CONTOS DE FADAS EM SALA DE AULA

Contar histórias é um costume muito antigo e hoje passa a ser uma rotina nas escolas de Educação Infantil.

Por mais que a tecnologia adentre em grande parte dos lares, com a TV, o videogame e o computador, o educador aceita, diariamente, o desafio de despertar nas crianças desta tenra idade (3 a 7 anos), o prazer pela leitura, não que esta tecnologia seja desnecessária ao desenvolvimento da humanidade, mas, a batalha dos professores deve ser, não contra o progresso, e sim contra a má apresentação que os livros sofrem nas escolas, tornando-se, muitas vezes, chatos.

Para trabalhar com a literatura, deve-se torná-la prazerosa, atraente, criativa às crianças, a começar pela seleção dos livros, que devem ser adequados à faixa etária trabalhada, a partir do seu desenvolvimento cognitivo. Para cada idade há uma característica de leitura:

Aos 3 anos as histórias devem ser curtas, com poucos detalhes e personagens. Nesta idade a criança encara a história como se ela fosse real, tudo tem vida e há comparação com sua realidade e tentativas de explicar e mostrar como são.

Dos 4 aos 5 anos, a criança começa a exigir, pouco a pouco, histórias mais elaboradas, de simples compreensão, porém, com mais riqueza de vocabulário. Nesta idade, a criança ainda se assusta facilmente, pois ainda não consegue distinguir, por completo, realidade e fantasia, por isso, é preciso tomar cuidado com a entonação de voz. Esta fase é comum a criança criar suas próprias histórias a partir de ilustrações e imagens.

Dos 6 aos 7 anos, descobre-se um novo momento literário nas crianças, pois é a fase que a criança começa a aprender a ler, começa a tentar decifrar as palavras. As histórias continuam curtas, com um vocabulário simples e conhecido, e devem conter fatos que façam parte do cotidiano, mesmo que de modo subjetivo.

### 2.1 CONTANDO HISTÓRIAS

É ouvindo histórias que a criança aprende a lidar com as emoções, muitas delas ainda desconhecidas. De acordo com Bettelheim (1990), todo conto de fada emite ao

leitor/ouvinte uma idéia importante ao consciente, ao pré-consciente e ao inconsciente que ajudam a lidar com os problemas comuns ao homem, de qualquer natureza, como o medo da morte, o medo do abandono, sentimento de culpa, raiva, inveja, entre muitos outros; e o conto de fada oferece soluções para estes problemas, pois incentiva a lutar contra as adversidades e dá a idéia de que a vitória é possível.

Bettelheim (1990), ainda afirma que o educador não deve salientar, nos contos de fadas, a lição moral e os conteúdos psicológicos que estes pretendem passar, mesmo que subjacentemente, porque os benefícios do conto de fada acontecem no inconsciente.

Para contar histórias, não é preciso um modo especial, ou até mesmo um dom, mas há, porém, algumas estratégias para tornar este momento mais agradável e proveitoso, tanto para o leitor/contador como para o ouvinte: É importante que a história agrade não apenas as crianças, mas também aquele que vai contá-la. A história deve despertar alguma coisa em quem vai contá-la: ou porque é bela e divertida, ou porque tem uma boa trama, ou porque acalma uma aflição... (ABRAMOVICH, 1990).

O leitor precisa conhecer a história, fazendo uma leitura prévia do texto, que deve ser escolhido de acordo com a idade.

As histórias devem ser contadas a partir dos livros de histórias, com fantoches, com dobraduras ou oralmente, sem apoio algum. O importante é que este ato se transforme em rotina, porque é um ato valioso para a educação infantil, pois permite à criança pensar, ouvir, sonhar e, mostra a função social da escrita.

As crianças devem participar da escolha da história, por mais que haja um conto preferido da turma, o educador deve respeitá-los e, se for necessário cantá-lo repetidamente.

Deve-se organizar uma conversa antes do momento da história, para adiantar o tema a ser tratado no texto, para que haja entendimento da atividade e, para evitar possíveis interrupções.

Se a história contada estiver em um livro, o educador deve apontar as palavras que compõe o texto, para que as crianças possam acompanhar, por mais que não saibam ler. Se o material utilizado for fantoche, gravuras, bonecos e outros, a história oral deve ser contada o mais aproximado possível da escrita.

Explicações sobre a história, durante o contar, são totalmente desnecessárias.

Crianças até 3 anos, geralmente, gostam das que tratam de bichos, brinquedos e objetos, com personagens da vida real - papai, mamãe, vovó e vovô, irmãos; crianças de 3 a 6 anos gostam de histórias da fase anterior e outras de repetição e acumulativas, histórias de

fadas, histórias de crianças; aos 7 anos - histórias de crianças, animais e encantamento, aventuras no ambiente próximo (família, comunidade), de fadas. (ZANOTTO, 2003, p. 6).

A duração da história cabe ao interesse que cada faixa etária desenvolve, mas o importante mesmo é contá-la toda, lembrando que crianças de menor idade têm menor capacidade de concentração.

Após contar a história, é importante que o educador/contador mantenha aberto o diálogo entre ele e as crianças, satisfazendo possíveis dúvidas, ouvindo comentários sobre a história, etc.

O educador não precisa ater-se somente em histórias infantis ou contos de fadas, poesias e contos folclóricos também rendem ótimas histórias e atividades, além de ampliar o leque literário que se oferece à criança.

A poesia, quando lida, envolve a consciência fonológica da criança, com suas rimas e jogo de palavras. A rima desempenha papel importante na aquisição da consciência fonológica, porque possibilita a exploração de diferenças e semelhanças entre sons e palavras. Um bom texto para trabalhar é o poema de Cecília Meireles, *Ou Isto ou Aquilo*, onde trata de um delicioso e lúdico jogo de palavras, com várias sucessões de oposições.

Os contos folclóricos, ricos em cultura popular, oferecem, além de belas histórias, com encantamentos e criaturas maravilhosas, o conhecimento de provérbios populares, trava-línguas, brincadeiras de roda, cantigas e “causos”.

## 2.2 RECONTAR HISTÓRIAS

Após a apresentação da história pelo professor, é possível realizar várias atividades, entre elas está a motivação da criança a recontar a história, com o simples objetivo de escutá-la. Ao ouvir uma história, a criança constrói em sua mente um esquema de texto narrativo, e é exatamente em sua memória que vai refazer este esquema para recontar a história.

É importante que o educador a oriente durante o seu recontar, para que possa prestar atenção nos elementos importantes do texto, como personagens, cenário, tempo, início, meio e fim. O educador pode interferir com questões como: O que aconteceu depois? E daí?, que ajudam a criança a recordar a história. Perguntas gerais, antes de começar a história podem ser feitas, com o objetivo de localizar a criança sobre o tema abordado no texto, a

iniciar a história: Que história vai contar?, Sobre o que fala a história?, Quem são os personagens?, O que aconteceu?, Como a história termina?, Por que?, etc.

O educador pode, ainda, iniciar uma história e pedir que a criança continue, ou fazer uma história coletiva, onde cada criança conta um pedaço. Se a criança não se lembrar o professor pode auxiliá-la, dando algumas pistas do fato a seguir. Esta atividade, se feita com frequência, trará notável bem à criança, que cada vez mais se aperfeiçoara em seu esquema textual narrativo e recontará as histórias cada vez mais com riqueza de detalhes, pois estará estimulando e desenvolvendo sua memória.

O recontar histórias ainda não é usualmente praticado nas salas de aulas de Educação Infantil, mas pode ser uma atividade a acrescentar o trabalho do professor, não devendo substituir outros métodos aplicados na sala. É importante que o professor seja, às vezes, espectador das crianças, seja no recontar histórias, no dramatizar e até mesmo nas brincadeiras, pois assim, a criança terá maior confiança e intimidade com o educador, criando um laço importante par seu desenvolvimento nesta fase de descobertas.

Através desta atividade, pode-se estar fazendo uma avaliação da criança: seu desenvolvimento, sua capacidade de atenção e memória, sua fala, sua criatividade e desenvoltura ao contar uma história, pois neste momento, o educador terá sua atenção voltada a escutar as crianças, podendo, assim, avaliar tanto o desenvolvimento físico-cognitivo da criança como o resultado de suas aulas.

Deve-se, também, evitar estereótipos, como, por exemplo, dizer que todas as princesas são sempre loiras, todos moram em castelos, aqueles que não são bonitos não merecem destaques, etc. O importante é fazer com que a criança se sinta à vontade para criar suas histórias e se inserir nelas, como personagens e aceitar-se do jeito que são.

Algumas atividades complementares podem ser feitas a partir do recontar histórias. Como as crianças pré-escolares ainda não escrevem fluentemente, o professor poderá anotar na lousa a história, pedir para que cada um desenhe uma parte da história e montar um livro.

Vale lembrar que a atividade de recontar história não deve ser o centro da aula na Educação Infantil, mas também não deve ser descartada do currículo pré-escolar, pois contribui imensamente para o desenvolvimento da criança e do educador.

### 2.3 O SIGNIFICADO DOS CONTOS DE FADA PARA AS CRIANÇAS

A importância dos contos de fadas está no prazer que eles despertam. Nessas histórias vemos situações que os alunos vivenciam; há obstáculos, a serem vencidos, rejeição, perseguições, carência afetiva, rivalidade, entre outros. Também vemos personagens fantásticos como as bruxas, fadas, duendes e o final é sempre feliz. Assim completa Bettelheim (1990, p. 14) “[...] os contos de fadas resultam do conteúdo comum, consciente e inconsciente, tendo sido elaborada pela mente consciente, não de uma pessoa especial, mas do consenso de várias pessoas a respeito do que consideram problemas humanos universais”.

Os contos de fadas são muito significantes para as crianças para o desenvolvimento de sua personalidade. Eles contêm elementos que despertam a curiosidade, atenção, interesse e relações com sua vida cotidiana.

Segundo Conde (1996, p. 92) “[...] os contos de fadas têm em si uma mensagem positiva de luta contra as dificuldades da vida, que são inevitáveis, e de incentivo a que a pessoa não se intimide, mas defronte de modo firme as opressões”.

Outro aspecto enfatizado pelo autor é que além de interferir no pensamento da criança antes de mais nada os contos de fada são uma obra de arte.

Pensamos que os contos de fadas levam as crianças a saírem de uma situação, elas envolvendo-se na história tornam-se mais participativas, o que as ajudam na hora de atuar ou de sonhar.

Sem dúvida os contos de fadas têm grande importância para a educação, pois dão oportunidade às crianças de refletirem sobre seus anseios, muitas vezes se identificando com os personagens e situações que caracterizam esse tipo de história.

### 2.4 VISÃO CRÍTICA DOS CONTOS DE FADAS.

Os contos de fadas são fontes de maravilhas e reflexão pessoal. A cada dia fazemos novas descobertas, o mundo nos torna mais exigentes e críticos perante as situações que enfrentamos.

Ao ler uma história a criança desenvolve o potencial crítico e a partir daí pensa, pergunta e questiona, expressa se gosta ou não com o que foi contado.

Precisamos discutir todos os componentes do livro para que a criança possa opinar criticamente. Deve-se levar em conta o ritmo da leitura, a história, a estruturação do texto, as letras e o formato do livro.

É preciso também haver ocasiões em que se troquem opiniões, onde o mais importante é aprender a respeitar os pontos de vista dos outros, diferente dos seus, ou os diversos jeitos de ler, de perceber, de valorizar ou de não ligar.

Nas histórias, geralmente, conhecemos a bruxa como uma mulher velha, testa franzida, que tem uma vassoura e que anda sempre com um gato preto.

Por outro lado, a fada é descrita como sendo bonita, inteligente, possui uma varinha de condão e adora ajudar as pessoas.

Analisando criticamente esses personagens devemos propiciar questionamentos sabendo que nem todas as bruxas são más e nem todas as fadas são boas.

Em outras histórias como pode o lobo engolir a vovó inteirinha?

Será que João e Maria não teriam outros recursos para encontrar o caminho de volta para casa?

Como bem diz Abramovich (1997, p. 121) “A magia não está no fato de haver uma fada já amadurecida no título, mas na sua forma de ação, de aparição, de comportamento, de abertura de portas”.

## 2.5 USO PEDAGÓGICO DOS CONTOS DE FADAS NA ESCOLA

Segundo Pavoni (1996, p. 74) “[...] toda tarefa educativa deve partir do trabalho de conteúdos em termos que trazemos dentro de nós e que as histórias de fadas podem contribuir para a formação harmoniosa no trabalho da criança”.

Diante destas considerações vemos que o professor pode preparar seu trabalho a partir do conhecimento que tiver sobre a organização dos contos de fadas que são histórias que podem provocar o imaginário infantil, permitindo que os alunos liberem seus sonhos.

Na mediação do trabalho, as crianças criam possibilidades, levantam hipóteses sobre as histórias e apontam as relações sobre os acontecimentos.

Como educadora percebi que o vínculo e o relacionamento afetivo entre o professor e alunos é algo fundamental para o sucesso na aprendizagem. O auxílio de contos de fada para a criação de um clima favorável para que aconteça esta interação.

Em todos os níveis de escolaridade deve haver tempos e espaços para os contos de fadas, pois sabemos que passam por várias gerações, os temas dessas histórias, têm a incrível capacidade de viajar pelo mundo, trocando apenas de roupa, já que a essência não muda. A criança leitora recria seu próprio texto a partir de outros que explora.

Abramovich (1990) mostra a influencia da escola na vida do futuro leitor. Dá muita importância ao ato da criança ouvir histórias e questiona como a escola vem fazendo este trabalho. Salientamos ainda, que a prática do conto em nossas escolas deveria ser vivenciada, devolvendo o entusiasmo para as crianças na forma das leituras em voz alta resgatando para o leitor iniciante, a curiosidade e a imaginação.

Com isso ressaltamos a importância da leitura na escola feita com a participação dos alunos para que possam perguntar, contestar textos horas de prazer em sua formação integral.

O gosto por qualquer tipo de leitura deve ser desenvolvido cultivado e não imposto, sendo assim um aliado para o incentivo em nossas aulas. A arte de ouvir e de dizer, logo nasce um homem, devemos levar isso em conta como ponto de partida da leitura.

Os contos de fada trazem o incentivo para a leitura terem uma rápida assimilação, proporcionando nas crianças o despertar da imaginação criatividade e sonhos para o resto de sua vida. Afinal quem não acredita que existem fadas voando ou bruxas soltas por aí.

Para as crianças o que importa é a beleza, é a simplicidade das plantas que conversam, a formiga que trabalha muito e dá lição de moral na cigarra, enfim toda a poesia criada em torno dos contos de fadas inspira paixões, emoções e lágrimas.

Assim entendidos, os contos de fadas são agentes emancipadores, capazes de projetar o pequeno leitor ou ouvinte para além do universo cotidiano, criando a vida como ainda pode ser vivida.

Os contos têm a importância do desenvolvimento completo da criança levando-a a descobrir novos conhecimentos, a fazer leituras diferentes do mundo onde está; sendo assim nos professores temos a grande missão de dar oportunidade de acesso dos contos aos nossos alunos. Isso se dá vivenciando, desenvolvendo com entusiasmo leitura em voz alta para as crianças, resgatando a curiosidade e a imaginação das mesmas.

Consideramos que os contos de fadas deveriam estar presentes no trabalho pedagógico, pois são o veículo adequado para trazer a consciência infantil em formação, as ricas substâncias contidas em seus textos.

Nos contos de fada, aparecem com frequência personagens marcantes e sensacionais, os mais fascinantes, em dúvida são as bruxas e as fada. Estes dois personagens, com certeza provam o imaginário de todas as pessoas, que em algum momento de suas vidas se depararam em essas histórias e trazem em suas memórias traços da personalidade de bruxas e de fadas que as identificam, e na maioria das vezes. As colocam em lados opostos: o lado do bem e o do mal.

### 3 ANÁLISE DOS DADOS

O educador na sua prática pedagógica precisa propor análises, discussões, troca de opiniões; possibilitando o amadurecimento e busca de realização e de significado junto ao aluno, dinamizando a sua prática e envolvimento com estes.

A partir dessas considerações optamos por uma pesquisa exploratória na busca de analisar a prática da leitura em sala de aula. Essa pesquisa foi realizada a partir de questionários dirigidos a equipe técnica pedagógica, professores e alunos de três escolas da Rede Municipal de Ensino da cidade de Franca-SP.

#### 3.1 CATEGORIZAÇÃO DAS ESCOLAS E NÍVEL DE FORMAÇÃO DOS PROFESSORES

<b>Escola</b>	<b>Ciclo 1 – Total de alunos</b>	<b>Total de Professores</b>	<b>Prof. Especialista</b>	<b>Prof. Nível Superior</b>	<b>Prof. Magistério</b>
A	54	4	1	1	2
B	130	5	-	3	2
C	274	9	3	2	4

#### 3.2 ANÁLISE DE DADOS OBTIDOS PELOS QUESTIONÁRIOS

Em ambas as escolas, percebemos a busca pela valorização a leitura. Cada escola procura estratégias de incentivo a leitura de acordo com suas realidades e necessidades.

Sabemos que para formar alunos leitores, o professor deve também possuir o hábito de ler. Com respeito ao tempo para leitura todos os professores pesquisados fazem leituras diárias. As justificativas foram das mais variadas como: argumentação para produção de textos, desenvolvimento da criatividade, viagem pelo imaginário, relacionamento entre teoria e prática, prazer e atualização profissional.

Com relação ao trabalho com a leitura dentro da sala de aula percebemos a diversidade de textos utilizados pelas professoras e a ausência de regras quanto a utilização da leitura no Ensino Fundamental.

Na escola A destacou-se a professora que tem habilidades para contar histórias de maneira prazerosa, onde os alunos parecem vivenciar os sentimentos e fatos dos personagens expressados pela mesma.

Nas escolas B e C, o trabalho com literatura está associado com as atividades artísticas através das dramatizações, desenhos, dobraduras, músicas, produções de textos entre outros.

Nessas escolas encontramos alunos mais desinibidos e interessados a realizar atividades propostas que envolvem a leitura ou outras formas de expressões.

Já na concepção de uma pedagoga da escola B, tanto professores, quanto alunos não têm o hábito de ler.

E esse hábito deve ser desenvolvido desde as séries iniciais, ou até mesmo antes das crianças entrarem na Escola, a família deveria dar livros de história, para elas. Nas escolas do Ensino Médio, os adolescentes são “obrigados” a ler livros que para eles não interessam e eles passam a detestar a leitura. É muito importante o professor despertar o gosto pela leitura em seus alunos. É imprescindível lembrar da contribuição das escolas, quanto ao acervo de materiais proporcionados para o Trabalho com a leitura.

Diante a falta de espaço e condições financeiras a escola “A” optou por criar dentro de cada sala de aula, uma mini-biblioteca de livros literários de acordo com a faixa etária de cada turma.

A escola “B” possui uma biblioteca com grande acervo de livros organizados de acordo com a sua modalidade, por exemplo didáticos, literários, pedagógicos. Existe ainda em cada sala de aula o “Cantinho da Leitura” onde os alunos têm a oportunidade de escolher o livro de sua preferência.

Na escola “C”, a biblioteca possui um grande acervo de livros que podem ser utilizados durante horários estabelecidos pelo cronograma organizado pela pedagoga da escola. Além deste espaço cada professor confecciona com seus alunos fichas de leitura com recortes de livros, revistas, jornais e outros... Essas fichas são utilizadas nos momentos livres quando o aluno termina a atividade proposta pela professora.

Paulo Freire (1982, p. 74) nos reforça a importância da prática da leitura em sala de aula dizendo: “Se é praticando que se aprende a trabalhar. É praticando também que se

aprende a ler e a escrever. Vamos praticar para aprender, e aprender para praticar melhor. Vamos ler”.

Na busca de esclarecermos nossa análise sobre o incentivo à leitura perguntamos aos alunos se gostavam de ler.

Nos grupos de 7 anos foram citadas as leituras como forma de diversão. Entre os materiais preferidos estão as revistas, os gibis e os livros infantis. Dos quarenta alunos que entrevistamos apenas doze citaram os jornais e seis deles a bíblia como sua leitura preferida.

Já com os alunos maiores percebemos a influência das histórias em quadrinhos.

O mais interessante é que essas histórias oferecem ao leitor oportunidade de criar imagens e o leitor passa a ser um co-autor da história, pode imaginar timbre de vozes, entonações, bem como os mais diferentes sons e ruídos condizentes com o que as gravuras mostram.

Como nos ressalta Barbosa (1990, p. 138)

Em sua prática cotidiana, o professor deve assegurar demonstrações adequadas de leitura às crianças, situações essas que sirvam a objetivos específicos, nas quais seus alunos, possam encontrar sentido, e que ajudem também as próprias crianças a encontrarem seus objetivos com a leitura.

Esse procedimento vem compactuar com as análises que fizemos quanto à implantação de projetos de leitura dentro das escolas, nas quais todos as pesquisadas possuíam seu próprio projeto.

O objetivo maior de ambos os projetos é capacitar o aluno para ler, interpretar e entender o mundo. Os textos selecionados devem possibilitar ao leitor a compreensão de certos aspectos da realidade. Vale assinalar que é indispensável que os professores se posicionem como leitores e leve os alunos uma leitura dinâmica e produtiva, onde os próprios tenham a liberdade de refletir e partilhar os significados que tiveram após a interação com o texto.

Nesse sentido, professores e crianças podem ser parceiros para compreender o que é praticar o ato de ler.

Na escola A e B além de trabalho diário com a leitura da professora regente da turma existe um projeto de leitura desenvolvido por uma professora específica que faz a exploração de seu material selecionado para todas as turmas da escola.

Na escola C, percebemos o cumprimento de certas atividades estabelecidas pela equipe pedagógica com cronograma determinado. Nota-se com essas afirmações a falta de autonomia para o professor desenvolver certas atividades. Nessa mesma escola existe um

projeto semelhante ao das escolas A e B, contando com uma professora específica para esse trabalho.

Percebemos na maioria dos alunos o interesse de participar desses projetos por serem aulas dinâmicas, atrativas que possibilitam a criação.

Uma questão muito discutida nas escolas A, B e C, foi quanto ao empréstimo de livro para os alunos levá-los para casa.

Sempre que possível, o aluno deve levar o livro consigo para ler onde, quando, como e quantas vezes quiser, podendo aproximá-lo de sua família ou de seus amigos. É pelo empréstimo que muitos livros passam a ser conhecidos e procurados por outros leitores. Além disso, o empréstimo possibilita a criança ler de acordo com seu ritmo e capacidade, convivendo mais com o livro. Se bem orientada, aprenderá a cuidar dele e a devolvê-lo dentro de um prazo determinado.

Na escola A esta experiência foi realizada com eficiência, quando a mesma possuía, uma pessoa responsável pelo controle dos livros. Hoje isso não é mais possível pela divisão dos livros em sala de aula ficando sob a responsabilidade de cada professor o cuidado com os mesmos.

Percebemos o uso contínuo desses livros dentro da sala de aula não havendo necessidade de se levarem para casa.

Ao nos referirmos as escolas B e C, esse trabalho com empréstimos não foi realizado por toda a escola e, sim, fica a cargo de cada professora de querer emprestar seu material pessoal para seus alunos, não tendo a oportunidade de utilizar os materiais da escola

Muitas professoras não “concordam” a esta proposta por saberem da falta de retorno desses materiais para dentro da sala de aula.

Quanto à importância da leitura para os alunos tivemos respostas variadas, talvez pela diferença entre faixas etárias, dentre as principais foram: saber ler as coisas quando os outros mandam, ser educado, saber se localizar no trânsito, não gaguejar e porque é legal.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir de concepções já evidenciadas neste trabalho e das opiniões dos professores entrevistados percebemos que a leitura possui um espaço marcante dentro da sala de aula.

Os professores parecem estar atentos tentando resgatar no aluno o gosto pela leitura, estão repensando e tentando melhorar sua prática para tornar o ato de ler mais prazeroso. Muitos desses professores encontraram na leitura um incentivo para que isso acontecesse.

Percebemos nos contos de fadas a influência que ele possui na formação da própria identidade do aluno, já que ele permite uma viagem ao mundo interior, possibilitando ao leitor processos de identificação e de compreensão de si mesmo.

As crianças vivenciam nessas histórias sentimentos e emoções que são passadas através dos personagens.

Esses personagens, muitas vezes trazem relações do dia-a-dia e as crianças se identificam com eles. Também no trabalho com a leitura a possibilidade de nossos alunos ampliar seus conhecimentos e desenvolver sua linguagem e alfabetização.

Ouvir histórias é muito importante para a formação de qualquer criança. Escutar histórias é o início da aprendizagem para ser um leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descobertas e compreensão do mundo.

O que percebemos, na maioria das vezes, é que nas escolas a leitura é feita como imposição e não como uma forma natural de interação do aluno com o mundo que o cerca. Geralmente é o professor que decide o que ler, quando e porque ler.

Por isso percebemos o cuidado que o professor deve ter para permitir que seus alunos exercitem-se na descoberta da leitura e possam propor suas obras preferidas aos colegas, mesmo que sua escolha contrarie o gosto do professor. A leitura nasce de sugestões dos outros e de escolhas próprias, não deve ser considerada uma atitude isolada, pois durante a sua realização, surgem várias questões que o leitor, gostaria de discutir.

A escola pode e deve trabalhar desde as séries iniciais, com textos de diversas naturezas com textos que surjam do cruzamento de linguagens variadas.

A leitura de histórias para as crianças também permite que elas descubram a diferença entre a linguagem falada e escrita das histórias.

Percebemos o valor do livro para as atividades com a leitura e a importância de utilizarmos o livro trazido pela própria criança até a escola.

Com a leitura de livros diversos podemos explorar as atividades artísticas trabalhadas após a leitura. Percebe-se aí o incentivo pelas dramatizações, dobraduras, criação de histórias, confecção de fantoches entre outras. Para facilitar o processo de leitura devemos garantir à criança amplas possibilidades de usar informações não-visuais, possibilidades de fazer previsões, compreender e ter prazer no que lê. Quanto mais diversificados, mais estimulantes serão as situações de leitura e o contato com a escrita.

## REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, Fanny. **Leitura Infantil: gostosuras e bobices** - São Paulo: Scipone, 1990.
- BARBOSA, José Juvêncio. **Alfabetização e Leitura**. São Paulo: Cortez, 1990.
- BAUKAT, Fabiane Fock; MENGARDA, E. J. **Importância de Contar Histórias**. Indaial: Asselvi, 2006.
- BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos Contos de Fadas**. 8 ed. – São Paulo: Paz E Terra. 1990.
- CADEMARTORI, Ligia. **O que é literatura infantil**. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- CARVALHO, Barbara Vasconcelos de. **Compêndio de literatura infantil**. São Paulo: IBEP, 1986.
- CASHDAN, Sheldon. **Os 7 pecados capitais nos contos de fada: como contos de fada influenciam nossas vidas**. Rio de Janeiro: Campos, 2000.
- CHARMEAUX, E. **Aprender a ler vencendo o fracasso**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2000.
- COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil**. Teoria, análise, didática. São Paulo: Moderna, 2000.
- CONDE, Narrimon R. **Os contos de fadas na sala de aula em diálogo com textos de crianças**. 1996. Dissertação (Mestrado) Universidade Estadual de Campinas, 1996.
- DAMASCENO, Nelson dos Santos. **Produção e circulação da leitura: entre o popular e o erudito, perplexidades e indecisões no ensino da literatura**. Dissertação (mestrado em Letras) - Universidade de Franca. Franca, 2000.
- FOUCAMBERT, Jean. **A leitura em questão**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Cortez. 1982.
- GOES, Lúcia Pimentel. **Introdução à literatura infantil e juvenil**. São Paulo: Pioneira, 1984 (Manuais de Estudo).
- JESUALDO, A. **Literatura infantil**. 9. ed. São Paulo: Cultrix, 1993.
- JOBIM, José Luis. **Palavras da crítica**. Estácio: Imago, 1992.
- LAJOLO, M. **O que é literatura ?**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.(Coleção Primeiros 53 Passos).
- LERNER, D. **É possível ler na escola. Paper da conferência proferida no 2º Congresso Nacional de Leitura**. Bogotá, maio de 1995.

MAGNANI, Maria do Rosário M. **Leitura, literatura e escola: sobre a formação do gosto.** São Paulo: Martins Fontes, 1989.

MEIRELES, Cecília. **Problemas da literatura infantil.** 3. ed. Rio de Janeiro. Nova Fronteira, 1984.

PERRENOUD, Philippe. **A prática reflexiva no ofício de professor: profissionalização e razão pedagógica.** Tradução de Claudia Schilling. Porto Alegre, Artmed, 2002.

POUND, Ezra. *Abc da literatura.* Tradução de Augusto de Campos. São Paulo: Cultrix, 1990.

ZANOTTO, N. A formação do léxico do português do Brasil: termos do vocabulário gastronômico provenientes de dialetos italianos. **Idea**, Buenos Aires, v. 1, n. 1, 2003.

ZILBERMAN, Regina. *A leitura infantil na escola.* São Paulo: Global Editora, 1986.